



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Memórias do subsolo: problemas interpretativos

**Notes from underground:
*interpretative problems***

Autor: Davi Lopes Villaça
Universidade de São Paulo,
São Paulo, São Paulo, Brasil

Edição: RUS Vol. 12. Nº 20

Publicação: Dezembro de 2021

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2021.191522>



Memórias do subsolo: problemas interpretativos

Davi Lopes Villaça*

Resumo: Partindo de uma discussão sobre as dificuldades relativas à análise de *Memórias do subsolo* (1864), de Dostoiévski, tal como elas se manifestaram em diversos momentos da história da interpretação da novela, pretendo desenvolver uma série de considerações sobre a complexa relação entre o autor e seu narrador, analisando seus pontos de identificação e de oposição, e dialogando com diferentes abordagens críticas sobre esse tema.

Abstract: Beginning with a discussion of the difficulties involved in the analysis of Dostoevsky's *Notes from Underground* (1864) as manifested at times in the history of the novel's interpretation, this article develops a series of reflections about the complex relationship between the author and his narrator, analyzing their points of identification and opposition and entering into dialogue with various critical approaches to this subject.

Palavras-chave: Dostoiévski; Narrador; Autor; Novela; Sátira
Keywords: Dostoevsky; Narrator; Author; Novel; Satire

* Doutorando do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; <https://orcid.org/0000-0002-2883-239X>; dlvillaca@uol.com.br

Poucas obras de Dostoiévski ofereceram tantas dificuldades interpretativas, tantas armadilhas de leitura, quanto *Memórias do subsolo* (1864). É o que podemos concluir da história de sua recepção. Joseph Frank, biógrafo do autor e seu mais importante estudioso dos últimos tempos, apontou os erros que os leitores da novela mais frequentemente cometeram e ainda cometem. Como outros críticos antes dele, acusou a existência de uma leitura tradicionalmente aceita mas essencialmente equivocada da obra, corroborada por intérpretes de peso como o biógrafo Leonid Grossman e o filósofo Nikolai Shestov. Essa leitura enxergava em *Memórias do subsolo* o grito de desespero de um Dostoiévski que, como resultado de sua experiência traumática no cárcere e no exílio siberiano, lançara pela primeira vez um olhar franco para os abismos mais sombrios e abjetos da alma humana e passara a rejeitar os ideais humanitários de sua juventude. Nas palavras de Shestov, a novela era o “urro de terror do homem que, de repente, descobre ter mentido e feito uma comédia, quando dizia que a finalidade suprema da existência é servir o último dos homens”.¹ Muito diferentemente disto, verifica-se que, embora Dostoiévski tenha reformulado radicalmente sua visão de mundo, para o que sua experiência no cárcere foi de fato fundamental, ele em nenhum momento abandonou seus ideais de amor e compaixão. A bem dizer, todas as obras da sua fase madura, a começar por *Memórias do subsolo*, consideradas sob o viés da intenção polêmico-ideológica do autor, contêm uma defesa dos ideais cristãos que sempre o inspiraram e que ele afirmou ao longo de toda a vida. Como compreender, então, que leitores tão sensíveis, como sem dúvida é o caso de Grossman e Shestov, tenham se equivocado tão profundamente quanto à suposta “mensagem” da novela?

1 SHESTOV, Liev, *Dostoevski i Nietzsche: filosofia tragedii*. Disponível em <http://dostoevskiy-lit.ru/dostoevskiy/kritika/shestov-dostoevskij-i-nicshe/predislovie.htm>.

As dificuldades referentes à interpretação de *Memórias do subsolo* parecem girar sempre em torno de uma mesma figura: o narrador em primeira pessoa. O discurso dessa personagem anônima, que os leitores se habituaram a chamar de “homem do subsolo”, é tão tortuoso e obscuro, tão marcado por ambiguidades, que de fato não parece simples extrair dele uma posição muito clara. É essa, aliás, umas das razões por que a novela despertou pouco interesse na época de sua publicação e só foi seriamente estudada mais tarde, à luz da fama que Dostoiévski alcançou com seus grandes romances. Para Frank, o erro de muitos leitores consistiu em identificar, de forma muito direta, o autor com sua personagem. É verdade que, já em 1882, ano seguinte ao da morte de Dostoiévski, um jovem crítico chamado Nikolai Mikhailóvski se perguntava de que maneira, na novela, o autor se posicionava em relação a seu narrador.² É muito provável que essa questão seja, até hoje, atualizada por todos aqueles que leem *Memórias do subsolo* sem qualquer noção pré-adquirida de seu significado. Por trás dela, parece ocultar-se outra, mais importante: de que maneira eu, leitor, devo me posicionar em relação ao discurso desse narrador? Trata-se, pois, de personagem extremamente contraditória, sobre a qual gerações de leitores se sentiram desafiadas a emitir algum julgamento, uma vez que a própria novela parecia se abster de fazê-lo. No entanto, como recorda Frank, foi somente em 1929, num artigo de Aleksandr Skáftimov, que pela primeira vez se “focalizou a questão de saber se e até que ponto o homem do subterrâneo poderia ser considerado o porta voz de Dostoiévski de alguma forma direta.”³ Foi também esse crítico quem, de maneira muito categórica, apontou as inconsistências das análises de Grossman e Shes-tov, demonstrando que o narrador da novela era “não só o acusador como também um dos acusados”.⁴ A partir de Skáftimov, outra noção começaria a se difundir no meio crítico: a de que,

2 MIKHAILÓVSKI, Nikolai, “Um talento cruel”, in: GOMIDE, Bruno Barreto (org.) *Antologia do pensamento crítico russo*. São Paulo: ed. 34, 2017.

3 FRANK, Joseph, *Dostoiévski: os efeitos da libertação (1860 a 1865)*. São Paulo: ed. Edusp, 2013. P. 431.

4 Idem. Pp. 431-432.

para um entendimento correto de *Memórias do subsolo*, faz-se necessário reconhecer que, como afirmou Tzvetan Todorov, “Dostoiévski não defende os pontos de vista do homem do subsolo, mas luta contra eles”.⁵ No entanto, a meu ver, também essa perspectiva seria um tanto problemática, abrindo espaço para outros erros interpretativos.

Nina Budanova, em importante artigo sobre os ancestrais literários da novela, afirmou que a incapacidade de distinguir a voz do autor em meio ao discurso do narrador levou muitos críticos a acreditarem tratar-se de uma obra em que Dostoiévski “descrê dos ideais humanitários de sua juventude e prega o individualismo extremo”.⁶ Mas será mesmo que o discurso do homem do subsolo pode ser lido como uma defesa intransigente do individualismo? É claro que a personagem encarna essa característica e sofre suas consequências. Mas não me parece possível afirmar que a narrativa (ainda que considerada estritamente do ponto de vista do narrador) implique uma *pregação* do individualismo extremo.

Como demonstrou Skáftimov em seu artigo,⁷ as angústias em que o homem do subsolo se revolve decorrem não de uma dolorosa compreensão da alma humana, mas de uma condição existencial particular, ligada à formação dessa personagem, a qual, por sua vez, reflete o desenvolvimento de sua sociedade. Enquanto representante das pessoas instruídas (e, portanto, membro de uma minoria social na Rússia do século XIX) e enquanto pequeno funcionário público, preso a lugar de pobreza e insignificância, o homem do subsolo está cercado por uma série de particularidades históricas que moldaram sua sensibilidade. Sensibilidade essa que faz dele uma versão russa, dostoiévskiana, do drama do homem moderno, enquanto expressão de uma crise que decorre de um processo histórico de desarticulação social e desenraizamento moral e espiritual.

5 TODOROV, Tzvetan, “Memórias do subsolo”, in: *Os gêneros do discurso*. São Paulo: ed. Unesp, 2018. P. 224.

6 BUDANOVA, Nina, “U istokov podpol’ia”, in: *Dostoevski i Turgenev*. Leningrado: Editora Nauka, 1987. P. 13.

7 SKÁFTIMOV, Aleksandr, “Zapizki iz podpol’ia”. Disponível em <http://teatr-lib.ru/Library/Skaftimov/nravstv/>.

Para além disso, no entanto, Frank identificou na condição do herói algo bastante específico. Nenhum outro crítico insistiu tanto como ele na ideia de que a vida do homem do subsolo era um produto das ideias que “ele aceita e pelas quais tenta viver”⁸ – ideias essas que Dostoiévski reputava absurdas e que eram as mais radicalmente opostas às que o autor estava defendendo. O que levou muitos leitores ao erro teria sido o fato de não atentarem ao elemento paródico-satírico da novela, a ironia que separa a perspectiva do autor da de sua personagem. Frank cita⁹ o que julga ser um caso análogo da literatura inglesa: Em 1702, Daniel Defoe publicou *The Shortest Way with the Dissenters*: uma paródia de panfleto político em que o dissidente Defoe assume a voz de um dos opositores do movimento, um tori fanático, que prega a execução dos dissidentes. A intenção era difamar seus adversários, mas a ironia do texto passou despercebida, e as autoridades sentenciaram o autor a um castigo físico. Não acredito, porém, que tal comparação seja adequada, nem que se possa pensar a relação narrador-autor, em *Memórias do subsolo*, em termos de simples antagonismo ideológico. A advertência de que o narrador não é expressão direta e simples do autor pode nos colocar no caminho correto, mas pouco faz no sentido de destrinchar o emaranhado de problemas que a personagem em si mesma representa.

Memórias do subsolo foi escrita no contexto das contendas ideológicas em que Dostoiévski, bem como boa parte da intelectualidade russa, estava envolvido no começo dos anos 1860. Iniciada como monólogo, a narrativa do homem do subsolo rapidamente se abre para um diálogo: a personagem imagina e passa a incluir, em seu próprio texto (pois de fato está escrevendo), as réplicas de seus hipotéticos leitores, pondo-se a conversar com essas vozes. Embora os interlocutores do narrador jamais sejam nomeados por ele, o público da época deveria identificar, nas posições por eles defendidas, partidários de Nikolai Tchernichévski, o grande mentor ideológico da intelectualidade radical dos anos 1860, com cujas ideias

8 FRANK, Joseph, op. cit. P. 432.

9 Ibidem. P. 433.

Dostoiévski antagonizava visceralmente. Toda a primeira parte da novela é um ataque às posições defendidas por Tchernichévski em seu romance *Que fazer?* (1863), em que se preconiza a construção de uma sociedade utópica com base em orientações puramente racionais e científicas. Numa refutação categórica de pressupostos e conclusões desse escritor, o homem do subsolo expõe o que acredita serem alguns traços humanos originários e irredutíveis: a inclinação para a imoralidade, o desejo de perseguir uma meta, mas não de alcançá-la, o apego às noções de personalidade e de liberdade – em nome das quais o homem de bom grado pode, apenas para afirmar sua vontade individual, renunciar ao bem-estar, à tranquilidade e a quaisquer outras “vantagens” que uma utopia como a de Tchernichévski teria a lhe oferecer. Dostoiévski, evidentemente, concorda com as críticas de sua personagem. Para Frank, no entanto, há um ponto que radicalmente distingue as perspectivas dos dois: se por um lado o homem do subsolo refuta a filosofia de Tchernichévski, por outro *aceita* os mesmos pressupostos em que ela se baseia, a começar pela ideia de que a vida humana nada mais é o do que o produto mecânico das leis da natureza.¹⁰ Assim, ao mesmo tempo em que o narrador afirma para o homem (e para si mesmo) uma necessidade incondicional de liberdade, também refuta a própria possibilidade de existência dessa liberdade, na medida em que crê, malgrado seu, num determinismo que lhe é revelado pela razão e pela ciência de seu tempo. A sua angústia decorreria justamente da oposição entre o seu desejo (ou, para falarmos como Dostoiévski, seu “coração”) e sua razão, contra a qual ele investe, sem no entanto esperar ultrapassá-la. A leitura de Frank me parece, nesse ponto, um tanto reducionista: ela descreve corretamente certo aspecto do drama do herói, mas não sua totalidade e nem mesmo aquilo que tem de mais fundamental.

É natural que o leitor de Dostoiévski, num primeiro momento, se pergunte em que medida o autor concorda com suas personagens – em especial quando se trata daquelas que o leitor, ele

¹⁰ Ibidem. P. 441.

mesmo, não sabe bem ao certo como julgar. Mas essa pergunta apresenta um problema de saída: ela supõe, nas personagens dostoiévskianas, uma posição ideológica fixa e bem delimitada. Bakhtin, com sua tese sobre o romance polifônico de Dostoiévski, argumenta que o discurso do autor, em suas obras, se situa “ao lado”¹¹ do das personagens, sem (ou pelo menos evitando) se sobrepor a ele. Dostoiévski, assim, representaria pontos de vista que entram em conflito com o seu, mas que nem por isso são refutados na narrativa, como se daria num romance “monológico”. Vários críticos (o próprio Frank) contestam ou relativizam essa leitura. Creio que não seria correto pensar as personagens dostoiévskianas como perspectivas que podemos ou não corroborar, uma vez que essas perspectivas jamais se encontram de fato fixadas. Dizer que Dostoiévski aprova ou desaprova esta ou aquela personagem só faz sentido se considerarmos fragmentos de texto, passagens nas quais essas personagens expressam certas opiniões, as quais não dão conta de sua contradição interior, cujo sentido amplo é revelado apenas na trajetória por elas percorrida ao longo da narrativa. O que temos são tipos paradoxais, que carregam, em si mesmos, a semente da negação das posições que eles próprios representam. No caso do homem do subsolo vemos, para além disso, um narrador que o tempo todo, desde os primeiros parágrafos, coloca em dúvida sua palavra. Não vejo sentido em se afirmar que Dostoiévski discorda (ou espera que discorremos) de uma personagem que já vive em profundo desacordo consigo mesma. A meu ver, os primeiros intérpretes de *Memórias do subsolo* incorreram em certos erros não por ignorarem o real posicionamento de Dostoiévski em relação ao seu herói, misturando assim seus pontos de vista, mas por não atentarem à real complexidade e contraditoriedade do discurso da personagem, que não caminha numa direção única. Com isto, aliás, ignoraram também alguns detalhes relativos à própria ficcionalidade do texto.

Há um aspecto fundamental da narrativa que perpassa o texto inteiro, mas que só é explicitado no fim, e de maneira

11 BAKHTIN, Mikhail, *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018. P. 5.

bastante curiosa. Quando o narrador chega ao que parece ser o término de seu relato, ele mesmo expressa o desejo de interromper sua escrita; porém, logo abaixo de suas palavras de encerramento, encontramos a seguinte nota: “Aliás, ainda não terminam aqui as ‘memórias’ deste paradoxalista. Ele não se conteve e as continuou. Mas parece-nos que se pode fazer ponto final aqui mesmo”.¹² Estas não são apenas as palavras de Dostoiévski: são as palavras de um narrador em terceira pessoa que só se manifesta no final da história. O que, então, mais do que nunca, deveria ficar evidente para nós é que estamos diante da representação de um discurso, da encenação de uma narrativa. É claro que isto poderia ser dito sobre qualquer narrativa em primeira pessoa. O que faz de *Memórias do subsolo* um caso original é como Dostoiévski faz do discurso de sua personagem a própria matéria do seu drama.

As palavras finais da novela afirmam que a história do narrador continua para além daquilo que é registrado. De certa forma, esse desfecho, bastante inesperado, não difere tanto de outros mais convencionais. Em *Crime e castigo* (1866), por exemplo, o narrador em terceira pessoa, após tecer vagas alusões sobre o futuro dos heróis Raskôlnikov e Sônia, decide interromper a história e declara: “Isto poderia ser o tema de um novo relato – mas este está concluído”.¹³ É claro que Sônia e Raskôlnikov só existem enquanto personagens de romance. Mas uma vez que o narrador também está inserido no universo ficcional, não estranhemos que, para ele, o casal de heróis siga vivendo para além da história que acabou de ser contada. O mesmo se dá em *Memórias do subsolo*: assim como Sônia e Raskôlnikov continuam a viver, o homem do subsolo continua a escrever. Esse final sublinha o fato de que, na novela, a palavra do narrador não é apenas o relato da vida, de uma experiência já devidamente fechada e significada, como geralmente se dá nos romances em primeira pessoa do século XIX. A palavra do narrador é a própria vida em andamento, na sua incompletude; o traçado de uma experiência inédita, cujas

12 DOSTOIÉVSKI, Fiódor, *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 147.

13 DOSTOIÉVSKI, Fiódor, *Crime e castigo*. São Paulo: Editora 34, 2016. P. 563.

consequências ninguém, nem mesmo o narrador, pode antever. Não é o relato de um drama, mas a extensão desse drama ao âmbito do próprio discurso e da própria narrativa.

Boris Schnaiderman, seguindo a leitura de Bakhtin, afirma que a novela se estrutura como uma confissão que se constrói na expectativa da palavra do outro.¹⁴ Isto diz respeito justamente ao caráter dialógico do texto, que começamos a observar anteriormente. Vale notar que são vários os textos não ficcionais de Dostoiévski em que ele se põe a dialogar com as réplicas imaginadas de interlocutores reais. Contudo, em *Memórias do subsolo*, esse recurso artístico adquire um sentido muito particular, para muito além de uma função retórica. O narrador é alguém que, a partir de um isolamento auto imposto, buscou subtrair-se ao domínio dos olhares dos outros, que o definem e humilham. Mas é precisamente nesse isolamento que a palavra do outro o persegue e o atinge com maior intensidade, a tal ponto que, para aplacá-la, faz-se necessário de algum modo representá-la. O drama das personagens dostoienskianas, marcado sempre por uma dimensão discursiva, possui, por isso mesmo, um caráter relacional – não há, pois, discurso que não esteja endereçado a alguém. Na concepção dostoienskiana, como demonstrou Bakhtin ao longo de seu estudo, a identidade do indivíduo não se constitui fora da relação e do diálogo com o outro.

O homem do subsolo, após ter refutado as ideias de Tchernichévski e seus seguidores, parece acreditar ter chegado também a uma boa explicação de por que ele, um homem inteligente do século XIX, como se define a si mesmo, estaria destinado ao lugar de nulidade, angústia e inércia que se atribui. Nesse sentido, a primeira parte de *Memórias do subsolo*, paralelamente à polêmica com os adversários ideológicos de Dostoiévski, é uma tentativa do narrador de se auto justificar. Seria supérfluo, no entanto, pedir ao leitor que desconfie dessa justificativa, pois o próprio narrador o fará, ainda que não deixe de ver nela alguma lógica. Diz ele, ao final da primeira parte: “Juro-vos, meus senhores, que não creio numa só pa-

14 SCHNAIDERMAN, Boris, prefácio, in: DOSTOIÉVSKI, Fiódor, *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 8.

lavrinha de tudo quanto rabisquei aqui! Isto é, talvez eu creia, mas, ao mesmo tempo, sem saber por quê, sinto e suspeito estar mentindo como um desalmado”.¹⁵ Só isto, a meu ver, já nos permite reconhecer um senão na análise de Frank. A ideia de que o homem do subsolo sofre em função das ideias em que ele acredita é relativizada pelo fato de que a personagem, ela mesma, confessa não acreditar (pelo menos não inteiramente) nessas ideias. Sem dúvida, o herói é assombrado pela perspectiva de pertencer a uma realidade determinista, destituída de livre arbítrio. Ao mesmo tempo, sente estar mentindo ao professar sua crença em tal realidade, ainda que não descreia dela inteiramente. O problema do homem do subsolo não parece ser, nesse sentido, uma excessiva credulidade para com os postulados da razão ou da ciência. Se ele sofre, é menos por acreditar em alguma coisa do que por não ter muito em que acredita. Esse estado de desorientação não deve ser atribuído meramente ao seu desenvolvimento intelectual: há que se levar em conta, antes de mais nada, uma certa experiência do mundo. Para Dostoiévski, o fundamental estava em que esse “homem inteligente” era alguém sem raízes, não somente porque renunciara, como a personagem mesma diz, no jargão da intelectualidade radical da época, “ao solo e aos princípios populares”,¹⁶ mas porque crescera distante do povo e de suas tradições.

Antes, porém, de entrar nessa questão, convém notar que, mesmo antes de o homem do subsolo começar a se desacreditar, ele já nos dá uma série de argumentos que, por si só, deveriam abalar qualquer confiança absoluta na razão pela qual ele mesmo se sente esmagado.

A razão, meus senhores, é coisa boa, não há dúvida, mas razão é só razão e satisfaz apenas a capacidade racional do homem, enquanto o ato de querer constitui a manifestação de toda a vida, isto é, de toda a vida humana, com a razão e com todo o coçar-se. E, embora a nossa vida, nessa manifestação, resulte muitas vezes em algo ignóbil, é sempre vida e não apenas a extração de uma raiz quadrada. Eu, por exem-

15 DOSTOIÉVSKI, Fiódor, op. cit. P. 51.

16 Ibidem. P. 27.

plo, quero viver muito naturalmente, para satisfazer toda a minha capacidade vital, e não apenas a minha capacidade racional, isto é, algo como a vigésima parte da minha capacidade de viver. Que sabe a razão? Somente aquilo que teve tempo de conhecer (algo, provavelmente, nunca chegará a saber; embora isto não constitua consolo, por que não expressá-lo?), enquanto a natureza humana age em sua totalidade, com tudo o que nela existe de consciente e inconsciente, e, embora minta, continuará vivendo.¹⁷

Para Dostoiévski, a razão é apenas uma das funções da vida humana, e por isso mesmo não é capaz de representar ou compreender toda a vida. Em notas a *O Adolescente* (1875) o autor afirmou: “A sabedoria infinita esmaga a mente do homem, mas ele a busca. A existência deve ser, inquestionavelmente e em cada caso, superior à mente do homem. A doutrina segundo a qual a mente do homem é o limite final do universo é tão estúpida quanto pode sê-lo, e até mesmo mais estúpida, infinitivamente mais estúpida, do que um jogo de xadrez entre lojistas”.¹⁸ Essa noção já aparece, em forma embrionária, no discurso do homem do subsolo. Por isso é estranho imaginar que a condição do herói decorra de uma crença radical, como supõe Frank, no imperativo das leis da natureza. Como explicar que, “desejando viver muito naturalmente”, o homem do subsolo se submeta, contra a própria vontade, a uma razão e a uma ciência que ele mesmo reputa limitadas? Se o narrador, a certa altura, não começasse a duvidar de si, não faltariam, em seu próprio discurso, bons argumentos para que o fizéssemos. O que explica essa contradição, ao menos em parte, é que o homem do subsolo não é movido por um princípio único. Mais do que se confessar, ele busca, num primeiro momento, forjar, para si e para os outros, uma explicação de si que seja também uma justificativa, eximindo suas fraquezas e, nalguma medida, até dignificando-as.

A confissão do homem do subsolo tem algo em comum com a experiência psicanalítica. Ele mesmo afirma que não irá publicar sua narrativa, nem a dará a ler a alguém. Desse modo,

17 Ibidem. P. 41.

18 Apud. FRANK, Joseph, *Dostoiévski: o manto do profeta*. São Paulo: Edusp, 2002, p. 206.

achamo-nos, num primeiro momento, no lugar de um leitor ninguém, a quem se pode dizer qualquer coisa sem nenhum constrangimento. Não demora muito, contudo, para percebermos que a palavra do narrador como que nos atravessa, mira um alvo específico; ela se dirige não a um leitor genérico, a um “senhor todo mundo”,¹⁹ como expressou-se Todorov, mas a um grupo de interlocutores com posições bem definidas (as dos partidários de Tchernichévski). De maneira semelhante, o psicanalista, esse ouvinte pretensamente neutro, acaba sendo investido dos muitos e diferentes olhares daqueles com que, fora do consultório, o paciente tem de se haver. Na novela, verificamos que o interlocutor do homem do subsolo, embora esteja, na maior parte do tempo, identificado com Tchernichévski, também não é sempre o mesmo. Depois de afirmar estar “mentindo como um *desalmado*”, o narrador continua a ser interpelado por seus interlocutores imaginários. Mas estes já não falam como os radicais de seu tempo, e sim com a voz de sua própria consciência.

– Mas não é uma vergonha, não é uma humilhação?! – talvez me digais, balançando com desdém a cabeça. – Está ansiando pela vida, mas resolve os problemas da existência com um emaranhado lógico. E como são importunas, como são insolentes as suas saídas, e, ao mesmo tempo, como o senhor tem medo! Afirma absurdos e se satisfaz com eles; diz insolências, mas sempre se assusta com elas e pede desculpas. Assegura não temer nada e, ao mesmo tempo, busca o nosso aplauso. Garante estar rangendo os dentes e, simultaneamente, graceja, para nos fazer rir. Sabe que os seus gracejos não têm espírito, mas, ao que parece, está muito satisfeito com a sua qualidade literária. É possível que tenha sofrido realmente; todavia, não respeita um pouco sequer o seu próprio sofrimento. No senhor há verdade, mas não há pureza; por motivo da mais mesquinha vaidade, traz a sua verdade à mostra, conduzindo-a para a ignomínia, para a feira... Realmente, quer dizer algo, no entanto, por temor, oculta a sua palavra derradeira, porque não tem suficiente decisão para dizê-la, mas apenas uma assustada impertinência. Vangloria-se da sua consciência, mas, na realidade, apenas vacila, pois, embora o seu cérebro funcione, o seu coração

19 TODOROV, Tzvetan, op. cit. P. 201.

está obscurecido pela perversão, e, sem um coração puro, não pode haver consciência plena, correta. E que capacidade de importunar, que insistência, como careteia! Mentira, mentira, mentira!²⁰

É notável como, em muitas obras de Dostoiévski, a palavra do autor não se impõe sobre a personagem, mas como que irrompe de dentro dela. Quase como se a personagem contivesse em si o autor, e não o contrário. Bakhtin chega a afirmar que não há nada que possamos dizer sobre a pessoa do homem do subsolo que ele já não saiba.²¹ Com efeito, as críticas mais contundentes que alguém poderia dirigir à personagem são feitas por ela mesma, sobretudo nos finais da primeira e da segunda parte da novela. Nesse sentido, Dostoiévski parece recusar a si mesmo (e também ao leitor), um lugar de superioridade em relação à sua personagem, o que corrobora a tese defendida por Bakhtin, em seu estudo, de que há, em a toda obra dostoiévskiana, um princípio de não objetificação e não conclusão da consciência do outro. Se o narrador de *Memórias do subsolo* deve ser tomado, como Frank insiste em toda a sua análise, e com o que estou de acordo, como uma concepção satírica, faz-se necessário reconhecer que Dostoiévski ultrapassa, em muito, os limites habituais da sátira, dotando sua personagem de uma consciência que a situa para além de qualquer tipificação diminuidora.

Depois da observação de Bakhtin, sobre quão bem o homem do subsolo parece conhecer a si próprio, poderíamos ter a impressão de que não há melhor comentário sobre a narrativa do que ela mesma. Evidentemente, não é assim. O que marca a diferença entre as personagens “positivas” e “negativas” de Dostoiévski, entre as posições que ele estava atacando ou defendendo, não é propriamente um saber, nem tanto um posicionamento ideológico, mas uma forma de estar no mundo, que só se revela integralmente no percurso, nas palavras e ações dessas personagens no decorrer da narrativa. Em *Memórias do subsolo*, uma vez que a palavra de Tchernichévski foi silenciada, o herói ainda se vê às voltas com seus próprios

20 DOSTOIÉVSKI, Fiódor, op. cit. PP. 51-52.

21 BAKHTIN, Mikhail, op. cit. P. 58.

problemas, diante dos quais é sua vez de capitular.

O último capítulo da primeira parte da novela, o qual serve de prólogo à segunda, marca uma importante virada dramática na narrativa. Na primeira parte o homem do subsolo nos oferece um discurso que no fundo é, a despeito de sua sagacidade e profundidade, uma explicação genérica para sua condição. Na verdade, ele sequer está falando de si, como um indivíduo, mas de um abstrato “homem inteligente do século XIX”. Contudo, uma vez que o homem do subsolo não se satisfaz com a própria explicação, lança-se a uma segunda empreitada: propõe-se a narrar alguns eventos de seu passado, os quais, até então, sempre evitara recordar. Nesse sentido, a segunda parte de *Memórias do subsolo* é a narrativa de um passado vivido, mas nunca devidamente elaborado e significado, o que só se tenta fazer no momento presente da narrativa. Trata-se, portanto, de um confronto direto com a própria história, nunca antes empreendido. Agora, o homem do subsolo, ao invés de falar de si mesmo como uma categoria abstrata, irá procurar as raízes pessoais e particulares do seu drama, que dialogam, evidentemente, com a situação geral da sociedade em que se formou. E, uma vez que essa situação está ligada justamente a um processo de modernização e de perda de valores tradicionais – aquilo mesmo que Dostoiévski desejava acusar no meio da parcela instruída da sociedade –, podemos afirmar que a narrativa do homem do subsolo é a procura pelas raízes do seu próprio desenraizamento. Outro dado que nos leva a relativizar as afirmações de Frank acerca da relação entre a crise dos heróis e as ideias em que ele supostamente acredita é, justamente, o fato de essa crise ser muito anterior ao contato da personagem com as ideias dos radicais dos anos 1860, posto que, para investigar seu estado atual, o homem do subsolo se vê obrigado a rememorar eventos transcorridos dezesseis anos antes. Com isto, não discordo de Frank quanto à sua afirmação de que o homem do subsolo experimenta um sofrimento decorrente das consequências psicológicas da aceitação do determinismo (embora esta seja, a meu ver, bastante parcial); apenas chamo a atenção para o fato de que essa aceitação, se de fato ocorre, se situa na periferia e não no centro do drama da personagem.

Toda a ação da novela transcorre em São Petersburgo, en-

tão capital do império russo, chamada pelo narrador como “a mais abstrata e meditativa cidade de todo o globo terrestre”²² – denominação essa que, se para nós soa bastante enigmática, para um leitor russo deveria fazer bem mais sentido. Fundada em 1703, erguida sobre terreno pantanoso, em território conquistado à Suécia, e feita à imitação das cidades da Europa, Petersburgo era o grande símbolo arquitetônico do desenraizamento da sociedade russa. Era parte do processo iniciado pelo tsar Pedro, o Grande, em seu afã de aproximar mais a Rússia do Ocidente, o que resultou numa radical ruptura moral, cultural e espiritual entre as camadas instruídas e a maior parte do povo, em sua vasta maioria analfabeto, e ainda fundamentalmente ligado às crenças e tradições de uma Rússia pré-moderna, anterior ao contato com o iluminismo e a cultura europeus. O homem do subsolo, tão identificado com a cidade em que habita, é justamente um símbolo maior dessa ruptura. Na segunda parte de sua narrativa, o herói contracena com outras personagens, dentre as quais a mais importante é a jovem prostituta Lisa. Também habitante da capital, mas oriunda da província, a moça é elaborada como uma herdeira das virtudes cristãs que Dostoiévski identificava no povo simples, em oposição ao niilismo moral que o escritor acusava nas classes instruídas. Embora Lisa ocupe um lugar ainda mais degradado e humilhado do que o do herói, ela escapa à lógica da dominação, do senhor e do servo, a que ele está preso. Contrastando com a vaidade e o egoísmo desmedidos do homem do subsolo, cultivados num ambiente de forte hierarquia e individualismo, estimulando-o a querer sempre afirmar sobre os outros a sua superioridade moral e intelectual (as únicas que ele pode exercer), Lisa, mesmo dotada de orgulho, deseja apenas ser vista como uma igual e como alguém digno de ser amado. Esse traço faz dela a única figura de fato positiva da história, o que torna fácil tomá-la como uma espécie de antípoda moral e espiritual do homem do subsolo.

Todorov chegou a afirmar que a novela é uma espécie de diá-

22 DOSTOIÉVSKI, Fiódor, op. cit. P. 18.

logo “entre o homem do subsolo, por um lado, e Lisa, ou, se preferirmos, ‘Dostoiévski’, por outro”.²³ Creio, no entanto, que também não deveríamos estabelecer uma oposição tão radical entre herói e heroína, pela mesma razão que não nos pareceu conveniente fazê-lo no que dizia respeito à relação narrador e autor. Novamente, a identificação do autor com uma personagem (implicando, aqui, sua desidentificação com outra), só faz sentido se atribuirmos ao narrador uma posição fixa, o que, como já apontamos, não se justifica. Acima de tudo, é importante lembrar: nós não conhecemos outra Lisa além daquela engendrada no discurso do homem do subsolo. É, portanto, primeiro aos olhos deste que a heroína adquire uma significação positiva. Ela serve de contraponto à experiência do herói ao mesmo tempo em que aparece como uma possibilidade descartada e inviabilizada dele mesmo. Lisa foi, no passado do homem do subsolo, e volta a ser agora, em sua narrativa, o símbolo de uma falta por ele sempre sentida e que, nesse sentido, sempre o constituiu. É essa mesma falta, para a qual ele busca dar forma, que está na origem de sua narrativa, a ser entendida também como procura. No final da novela, Lisa, perdendo ao homem do subsolo a ofensa que este lhe havia feito ao enganá-la e seduzi-la, se compadece dele e lhe abre o caminho da redenção pelo amor. O herói, no entanto, está, como ele próprio reconhece, tão desacostumado do convívio com os outros e tão aferrado a uma lógica de dominação que não suporta o fato de agora Lisa o estar “salvando”, ainda que a moça não tivesse a menor pretensão de desempenhar semelhante papel de heroína ou de se lhe mostrar superior. Ele acaba por insultá-la, e desta vez ela o abandona, percebendo que seu amor não pode ser correspondido. *Memórias do subsolo*, ainda que considerada estritamente do ponto de vista do narrador, não poderia ser lida como uma defesa ou mesmo como uma justificativa do modo de ser da personagem, ainda que nalguns momentos a narrativa pareça ir nessa direção. No final, o que predomina é o reconhecimento que o próprio herói faz de suas insuficiências, bem como sua tentativa de definir, na imagem de Lisa, o ideal que ele não pôde encarnar.

23 TODOROV, Tzvetan, op. cit. P. 224.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail, *Problemas da poética de Dostoiévski*. São Paulo: Ed. Forense Universitária. 2008.
- BUDANOVA, Nina, *Dostoevski i Turgenev*. Leningrado: Editora Naúka, 1987.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikháilovich, *Crime e castigo*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikháilovich, *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- FRANK, Joseph, *Dostoiévski: os efeitos da libertação (1860-1865)*. São Paulo: Edusp, 2002.
- FRANK, Joseph, *Dostoiévski: o manto do profeta*. São Paulo: Edusp, 2002.
- PAREYSON, Luigi, *Dostoiévski - filosofia, romance e experiência religiosa*. São Paulo: Edusp, 2012.
- SKÁFTIMOV, Alieksandr, "Zapizki iz podpol'ia". Disponível em <http://teatr-lib.ru/Library/Skaftimov/nravstv/>.
- SHESTOV, Lev, *Dostoevski i Nietzsche: filosofia tragedii*. Disponível em: <http://dostoevskiy-lit.ru/dostoevskiy/kritika/shestov-dostoevskij-i-nicshe/predislovie.htm>.
- TCHERNICHEVSKI, Nikolai, *What is to be done?* Ithaca: Cornell University press, 1989.
- TCHERNICHEVSKI, Nikolai, "O russo no rendez-vous", in GOMIDE, Bruno Barreto (org.), *Antologia do pensamento crítico russo*. São Paulo: ed. 34, 2013.
- TODOROV, Tzevetan, "Memórias do subsolo", in: *Os gêneros do discurso*. São Paulo: ed. Unesp, 2018.

Recebido em: 15/10/2021

Aceito em: 30/11/2021